

As Folias de Reis na historiografia brasileira

PEDRO HENRIQUE VICTORASSO*

O presente texto é resultado de reflexão sobre textos que abordam as Folias de Reis em outras regiões do país. O interesse decorre de pesquisa em andamento intitulada “(Re) significações na Folia de Reis – Companhia de Reis Fernandes – Olímpia/São Paulo”, da cidade de Olímpia-SP, fundada por Celso Fernandes, que há mais de quarenta anos ininterruptos participa das festividades devotas aos Santos Reis. A Folia de Reis, folgado com características do sagrado e do profano, é uma das festas religiosas mais populares nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

A ênfase da investigação será os anos de 1985-1995, período que marca o deslocamento dessa Folia de Reis, do espaço rural para o urbano e as possíveis transformações ocorridas nessas manifestações que podem ser distintas das práticas recorrentes, como sugere uma análise preliminar. O objetivo da pesquisa é perceber as permanências e transformações ocorridas nas práticas e representações culturais, em decorrência das mudanças sociais e econômicas na mudança espacial da festa, para assim, analisar os efeitos dessas (re) significações nos sentidos do festejo para o grupo abordado, perpassando pelas relações entre o grupo e os foliões. Relatos orais de membros da Companhia sobre as práticas das Folias de Reis desenvolvidas pelo grupo serão apreendidos e se constituem base dessa pesquisa, abrindo assim, a possibilidade para a abordagem de novas interpretações de suas realidades sociais.

Nesse sentido, este artigo propõe, a partir de leituras de cientistas sociais e historiadores, um balanço sobre a produção historiográfica relativa a esta festa, estabelecendo as convergências e diferenciações nas abordagens dos estudos realizados. Para os historiadores este assunto é recente, portanto na maioria das vezes as informações sobre a festa da Folia de Reis são provenientes de trabalhos elaborados por memorialistas,

* Mestrando em História e Sociedade, linha: "Identidades Culturais, Etnicidades, Migrações" pelo programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - FCL/Assis. Graduado em História (2010) pela mesma instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

folcloristas, sociólogos, etnógrafos, geógrafos, músicos, pedagogos, teólogos, em consonância com os questionamentos e métodos específicos de cada área.

Entre os folcloristas (intelectuais polígrafos), existem inúmeras obras sobre Folia de Reis, que abordam grupos de diferentes regiões brasileiras. Esse tipo de material tem sido utilizado pelos historiadores como fonte histórica fundamental para estabelecerem relações entre as práticas culturais estudadas com as de outras localidades. O material produzido pelos folcloristas deve ser trabalhado com cuidado, pois é extremamente descritivo e não produz uma análise crítica sobre a investigação. Sendo assim, o livro “Folias de Reis”¹ de Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto, torna-se uma obra obrigatória para quem trabalha com o tema, pois descreve a estrutura da festa, explanando sobre a jornada, as visitas, organização, integrantes e suas respectivas funções no ritual.

Para o desenvolvimento da pesquisa, o único material sobre Folias de Reis, específico do município de Olímpia, é a tese de doutoramento em música de Welson Tremura, intitulada “With an open heart: Folia de Reis, A Brazilian Spiritual Journey Through Song”, que objetivou analisar a relação entre a música e a religião em canções das Folias de Reis de Olímpia. A partir de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, em obras de folcloristas², o autor aborda o que é esse festejo e como chegou ao Brasil. Tremura (2004) realizou entrevistas com membros de Folias de Reis para compreender sobre a fé de seus participantes, e como os membros dos grupos fortalecem seu mundo espiritual durante as canções e encenações do ritual.

No campo das ciências sociais, são consideradas referências as obras do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, que trabalha com temáticas relacionadas ao folclore brasileiro. No livro “A Folia de Reis de Mossâmedes”³ o autor produz um trabalho etnográfico sobre essa manifestação, coletando canções e informações sobre os rituais, produzindo tabelas explicativas sobre a estrutura do festejo. O material produzido pelos cientistas sociais é de suma importância para melhor compreender a situação atual da questão em um campo vizinho da História.

¹ CASTRO, Zaíde Maciel de. COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Funarte, 1961.

² Em sua obra, o autor utiliza como base para sua pesquisa, autores folcloristas, como Alceu Maynard Araújo (1949), Zaíde Maciel de Castro e Aracy do Prado Couto (1961) e Guilherme Porto (1982).

³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A folia de Reis de Mossamedes*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

É relevante reconhecer que existem poucas produções de historiadores sobre esse folguedo no Brasil. Com as mudanças alavancadas pela Nova História Cultural, como a abertura a novos temas e a aproximação entre história e antropologia, a temática “festa” tornou-se recentemente alvo de interesse dos historiadores. A partir de um levantamento bibliográfico⁴ foi possível averiguar que os poucos trabalhos acadêmicos, no campo da História, são correspondentes as Folia de Reis de diferentes regiões do Brasil, com diversas singularidades. Assim sendo, fica claro que estes poucos trabalhos estão inseridos nessa Nova História que abre espaço para a valorização do local e do particular. (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 66)

Diante dessas leituras, foi possível traçar alguns pontos em comum entre essas produções, como exemplo, podemos apontar que em todos os trabalhos o conceito de cultura popular foi discutido e analisado, com maior ou menor ênfase, de acordo com o aporte teórico escolhido por cada autor. Outra convergência notada nos trabalhos é a abordagem de questões ligadas à religiosidade, pois as manifestações da Folia de Reis são manifestações que fazem parte de um catolicismo rural tradicional brasileiro.

As convergências entre os trabalhos historiográficos sobre Folia de Reis também são visíveis em questões metodológicas. Foi possível notar que a base para todos os trabalhos analisados foi a História Oral, pois essa prática cultural é passada de pai para filho, de geração para geração, a partir da oralidade. Sendo assim a produção de fontes orais foi essencial para essas pesquisas. Também podemos destacar a participação ativa dos autores nos rituais da Folia de Reis, a fim de estabelecer proximidade com o festejo e com os atores sociais que dele participam.

Para facilitar a análise e a compreensão da situação atual da questão na historiografia, os trabalhos foram divididos e discutidos a partir de duas grandes linhas de abordagem, uma cultural e outra religiosa. Dentro dessas linhas de abordagem encontram-se diferentes vertentes, assim, o conteúdo das obras foi analisado de forma verticalizada a fim de localizar os distintos paradigmas que os autores se inserem. No entanto, é necessária atenção nessa definição de vertentes, pois segundo José D’Assunção Barro: “No mundo contemporâneo, a

⁴ <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses> - Foi possível contabilizar cerca de setenta trabalhos acadêmicos (mestrado e doutorado) sobre o assunto Folia de Reis, destes, menos de 10% são de historiadores.

possibilidade de pertencimento a diversas identidades também abre espaços para a inserção de um mesmo historiador em grupos diversos.” (BARROS, 2010, p. 32)

Embora existam diferentes vertentes históricas, para chegarmos a função primeva da ciência histórica, que segundo Fernando Novais e Rogério F. da Silva é de produzir uma memória coletiva, o historiador precisa estar atento a todas as esferas da existência, e no caso de trabalhos com a temática “festas” não podemos apenas nos ater à esfera cultural, pois ao longo das crises de paradigma que a disciplina histórica enfrentou, ficou claro que nenhum acontecimento pertence exclusivamente a uma única esfera de existência, pois envolve todas elas, assim o singular é o total. (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 40)

Na primeira linha de abordagem, que tem como foco as questões culturais das Folias de Reis, é possível apontar diferentes vertentes teóricas. O primeiro bloco de trabalhos a ser analisado é de produções que podem ser inseridas na chamada “história social da cultura”, que prioriza como o próprio nome já diz “o social”, as pessoas, que ao festejar passam a existir socialmente, que passam a ser vistas e ocupam um lugar na sociedade. Estes trabalhos preocupam-se com a análise da cultura popular, vista como um modo de pensar, agir e sentir, mas também como um rico campo de conflitos sociais.

Seguindo essa corrente teórica, a autora Maria Clara T. Machado (1998) na tese de doutorado “Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)”, defendida na USP em 1998, traçou uma análise da cultura popular produzida e reelaborada na região do Alto Paranaíba – MG, entre as décadas de 1950 e 1980, objetivando notar as mudanças ocorridas nas práticas culturais e religiosas em decorrência do desenvolvimento social e econômico dessa região.

Maria Clara T. Machado (1998), define cultura popular como todas as práticas e representações culturais vivenciadas no cotidiano de atores sociais, distanciados do racionalismo científico, a cultura popular não oficial e não é tida como mercadoria. Para a autora, uma prática cultural só existe ou persiste se tem significados para as pessoas que vivenciam.

Segundo Maria Clara T. Machado, ao discutir a cultura popular entendida como folclore, como tradição, congela essa cultura no passado, gerando uma perda de significados

para aqueles que vivenciam. Machado (1998) acredita que a cultura deve ser pensada no plural e no presente, como uma forma de representação viva e dinâmica das classes populares.

5

Após analisar as manifestações pretendidas, Maria Clara T. Machado (1998) finaliza sua obra argumentando que o olhar sobre as práticas culturais populares tem mudado. Se antes a cultura popular era tida como fator de alienação, hoje, ela é uma possibilidade de reconstituir um sujeito que perdeu suas raízes (nas transformações sociais e econômicas).

Segundo a autora:

Por essa ótica, a religiosidade popular, suas festas e representações, permite a esse outro, nosso interlocutor, reaver sua identidade, se reconhecer na coletividade, rearticular uma memória social esfacelada, se solidarizar com os outros, se descobrir no outro. Porque permite o convívio social - amalgama comunitário - a festa é um dos momentos de realizar o reencontro com as raízes fundantes, de estabelecer parcerias, de (re) construir uma humanização perdida. (MACHADO, 1998, p. 272)

Seguindo a mesma vertente de Maria Clara T. Machado, a dissertação de mestrado de Ricardo Vidal Golovaty intitulada “Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis – 1945-2002” defendida na Universidade Federal de Uberlândia, em 2005, descreve três diferentes olhares sobre a cultura popular. Os saberes práticos de intelectuais, acadêmicos e folcloristas, das décadas de 1940 e 1950; Os saberes que jornalistas têm quando buscam recriar uma compreensão da Folia de Reis em Uberlândia, dentro da ideia de identidade cultural local; Os saberes dos devotos e foliões de Santos Reis. O eixo central da pesquisa é analisar o modo pelo qual a cultura popular foi e é pensada, a partir de olhares externos e internos sob a mesma manifestação popular.

Ricardo Vidal Golovaty (2005) chegou a duas hipóteses: para ele, o método folclórico ainda existe, sendo localizado na historiografia contemporânea sobre cultura popular e a tentativa da imprensa, de construção de uma identidade local a partir da Folia de Reis, trabalha com o fato folclorizante, representando o que podemos entender por senso comum, sobre a cultura popular. Para ele, a Folia de Reis, quando entendida não apenas como grupo de cantadores rituais do catolicismo popular, traz, nas relações sociais de produção deste rito

⁵ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. 1998. 291f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p.7.

coletivo, a existência de conflitos típicos do universo cotidiano das relações de trabalho e de lazer, revelando sua contemporaneidade e pluralidade.

Como foi citado anteriormente, na historiografia contemporânea, os historiadores não ficam presos apenas a uma linha teórica, a história é dinâmica, assim, tanto Maria Clara T. Machado, quanto Ricardo Golovaty trabalham com uma concepção social da cultura. Embora esses autores utilizem conceitos de autores como Roger Chartier, Michel de Certeau, Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg, nesses trabalhos analisados é possível apontar as fortes influências da Escola Inglesa de Marxismo⁶, que tem como principal aporte teórico Raymond Williams.

Segundo Barros, isso é possível devido a desconstrução da metáfora base/estrutura, que provocava um padrão linear de determinismo, para o autor, ao trazer a cultura para o primeiro plano das análises marxistas, conectando-os com a política e a história social, permite-se uma rediscussão do conceito de “classe social” que passou a ser entendida como uma categoria cultural, não apenas econômica. (BARROS, 2010, p. 31)

No primeiro bloco de textos analisados são usados os conceitos “prática” e “representação”, defendidos por Roger Chartier; Nota-se um interesse em compreender as permanências e transformações ocorridas nessas práticas e representações culturais em decorrência das mudanças sociais e econômicas no local onde a festa está inserida, e a relação entre essas transformações e os devotos. No entanto, no segundo bloco de trabalhos analisados, os autores aproximam-se mais dos paradigmas defendidos por Roger Chartier, Michel de Certeau, de “cultura como representação”.

No ano de 2009, na Universidade de Brasília, foi defendida a dissertação de mestrado de João Venâncio Machado de Ourofino, intitulada “São Braz de Minas: A migração, as transformações locais e o imaginário religioso” que pretende um olhar sobre a festa da Folia de Reis em São Braz de Minas e a devoção da comunidade local. Ourofino analisou as questões culturais voltadas para as estratégias de manutenção e permanência das Folias de

⁶ A Escola Inglesa do Marxismo, ao retomar novos textos de Karl Marx que até então haviam recebido pouca atenção – tal como os *Grundrisse*, escritos entre 1857 e 1858/64 – mostra que uma Escola também pode se constituir a partir da renovação de seus materiais de apoio, ou mesmo de novas leituras que se estabelecem a partir de antigos materiais. BARROS, José D’Assunção. Escolas Históricas – discussão de um conceito a partir de dois exemplos principais: a “Escola Histórica Alemã” e a “escola dos Annales”. In: Revista Esboços. Vol. 17, No. 24, 2010.

Reis. O autor aponta que as alterações no mundo rural ocasionaram dificuldades para manutenção dos festejos e formação de novos foliões, devido à migração, igrejas evangélicas, desinteresse dos jovens. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi observar os modos de usar, de elaborar representações, de assimilar elementos culturais e religiosos, observando como eles são ressignificados ou transformados, ou até mesmo abandonados.

João Venâncio Machado de Ourofino concluiu seu trabalho apontando algumas transformações nas manifestações da festa da Folia de Reis, como mudanças na dinâmica interna dos rituais, comércio de bebidas, novos utensílios e produtos industriais. Para o autor, essas mudanças fazem parte do movimento para o crescimento e fortalecimento das folias na região, com novas trocas simbólicas que permitem sua continuidade.

Outro trabalho analisado, que se aproxima da vertente da “cultura como representação”, refere-se aos espaços da festa da Folia de Reis. A dissertação de mestrado de Jorge Luiz Dias Pinto, intitulada “Os espaços da Folia de Reis em Maringá – PR: O grupo Unidos com Fé” defendida na Universidade Estadual de Maringá, em 2010, objetivou estudar a festa na cidade de Maringá, analisando os espaços sociais ocupados por essa manifestação religiosa.

Jorge Luiz Dias Pinto (2010) traçou uma análise da festa no seu espaço tradicional, no qual mantém seus costumes, ao participar da jornada que acontece do dia 25 de dezembro ao dia 6 de janeiro, dia de Santos Reis. Em paralelo com o espaço tradicional, a festa se desenvolve fora da época, participando de eventos, como concursos e programas de TV. Para o autor, uma das adaptações desse festejo na atualidade foi a sua inserção em novos espaços, como um meio de sobrevivência dessas práticas culturais.

A principal convergência dos textos de João Venâncio Machado de Ourofino e Jorge Luiz Dias Pinto é de entender a cultura como representação, identificando o modo como em diferentes ocasiões e momentos uma prática cultural é criada, pensada, como é sua recepção, suas transformações e permanências. Segundo José D’Assunção Barros as noções de “práticas e representações” são:

[...] úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores da cultura, os processos que envolvem a produção e a difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes” (BARROS, 2005, p. 11)

Na segunda linha de abordagem, os textos abordam a vivência religiosa na Folia de Reis, embora tenha características sagradas e profanas, este festejo está vinculado ao chamado catolicismo rural tradicional brasileiro. Outro foco das produções são as relações de trocas entre devotos com a divindade.

Embora este último bloco de textos analisados aborde com maior ênfase a religiosidade nas Folias de Reis, os autores são classificados como pertencentes à Nova História, pois esses trabalhos têm grande contato com a antropologia. Também é possível notar uma convergência em relação à preocupação desses autores em inserir integrantes das Folias de Reis na historiografia, dando uma visibilidade a esses atores sociais, o que foi possível a partir da história social da cultura.

Luciana Aparecida de Souza Mendes, na dissertação de mestrado intitulada “As Folias de Reis em Três Lagoas: a circularidade cultural na religiosidade popular” defendida na Universidade Federal da Grande Dourados, em 2007, objetivou analisar a religiosidade presente nas Companhias de Folias de Reis de Três Lagoas, analisando como estes sujeitos norteiam suas vidas, gerando significações intercambiantes entre o mundo sagrado e social. Mendes (2007) deixa claro que essas pessoas comuns, ficam imersas em um mundo sagrado, onde não importa – durante o ritual – as dificuldades do dia a dia, pois o importante é cumprir a missão, uma jornada que com alegria e seriedade é cumprida.

Para Luciana Aparecida de Souza Mendes (2007) essas práticas existentes na cultura popular fornecem diversos elementos, não apenas para preencher lacunas, mas para analisar as práticas de pessoas que muitas vezes ainda não foram inseridas nos estudos historiográficos. Mendes destaca a não demarcação cronológica em seu trabalho, pois não é o intuito produzir uma história total sobre as Folias de Reis ou sobre a cultura popular; o que a autora pretende é entender como é constituído o universo social e cultural dos elementos que vivem essa prática. A autora analisa como surgiram os grupos e como eles se reinventaram, produzindo uma leitura sobre as representações dos elementos e símbolos religiosos nas Folias de Reis, como o presépio e a bandeira.

Assim como nos trabalhos com abordagem cultural, os conceitos de Cultura como representação. Na dissertação de mestrado de André Camargo Lopes, defendida na

Universidade Estadual de Londrina, em 2009, intitulada “Adeus às violas: As Companhias de Reis da região dos Cinco Conjuntos no município de Londrina/PR – estudos históricos acerca do catolicismo tradicional popular brasileiro e a formação dos mestres-rituais a partir da mobilidade social da região” teve como eixo central a análise das Folias de Reis da região norte do município de Londrina a partir de suas especificidades dentro do catolicismo tradicional popular, e também situar a discussão desta tradição na análise biográfica de seus agentes produtores.

O foco da pesquisa de André Camargo Lopes (2009) foi compreender as estratégias de transmissão e reprodução da tradição dentro de núcleos familiares, no trânsito entre as variações do espaço social a partir do fenômeno migratório, do qual estes agentes fazem parte. O autor teve como principal aporte teórico autores como Michel de Certeau, Peter Burke, Pierre Bourdieu e Max Weber.

Ana Paula Santos Horta, na dissertação de mestrado defendida na USP, em 2011, intitulada “Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias” produz um trabalho com a proposta de uma pesquisa de campo com grupos de Folias de Reis da região da Serra da Canastra, com enfoque na vivência religiosa dos sertanejos, nos seus rituais, narrativas e performance devocional.

Segundo Ana Paula Santos Horta (2011) as Folias de Reis se inserem no catolicismo não institucionalizado, onde as formas de contato com o sagrado se dão através da presença materializada de divindades, assim, constitui um elemento central dessa religião autogerada pelos seus participantes; este é um momento de estreitamento da relação entre os homens e as divindades. Para a autora, as práticas que se mantêm praticamente intactas na região pesquisada, são decorrentes do isolamento da região, o que facilita a manutenção dessa manifestação de fé.

Após esse balanço historiográfico, é possível afirmar que nossa pesquisa tem como eixo central o interesse em compreender as permanências e transformações ocorridas nas práticas e representações culturais da Folia de Reis estudada, em decorrência das mudanças sociais e econômicas no local onde a festa está inserida, e a relação entre essas transformações e os devotos. Durante o ciclo festivo, o grupo que integra a Folia de Reis estudada, visita um elevado número de residências e sítios, o que deixa clara sua importância para a comunidade

onde está inserida. O estudo das manifestações culturais dessa folia propiciará aos seus integrantes um lugar nas discussões historiográficas atuais. Esse reconhecimento é motivo de orgulho para seus integrantes que acreditam que esse tipo de ação pode ajudar a manutenção dessa prática cultural que eles aspiram com muita fé. No âmbito local, participar de uma Folia de Reis é sair da invisibilidade social e fazer parte de um grupo de prestígio, valorizado pela comunidade.

Embora recente o interesse dos historiadores por essa prática cultural e religiosa, o número de trabalhos sobre o assunto está aumentando significativamente. Assim, o estado atual da questão é positivo, pois é possível distinguir diferentes problematizações sobre a temática, e notam-se contribuições interessantes e de qualidade, não só para o campo da cultura popular, mas também para a historiografia brasileira. Segundo Maria Clara T. Machado “A cultura popular é dessa perspectiva uma prática social viva e pulsante e para o historiador o lugar em que o outro, por diversas dimensões, pode ser reconhecido, investigado. O caminho está em aberto.” (MACHADO, 1998, p. 273). Portanto, a partir dessas práticas que fazem parte do cotidiano de várias comunidades brasileiras é possível enxergar a relação de todas as esferas da existência humana e a festa em questão, não apenas a cultura, inserindo de vez esse tema na historiografia brasileira.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D’Assunção. Escolas Históricas – discussão de um conceito a partir de dois exemplos principais: a “Escola Histórica Alemã” e a “escola dos Annales”. In: Revista Esboços. Vol. 17, No. 24, 2010.

Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/index>>, acessado em: 09 de junho de 2013.

BARROS, José D’Assunção. A História Cultural Francesa – Caminhos de investigação. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 2, Ano II, No. 4, 2005.

Disponível em <www.revistafenix.pro.br>, acessado em: 09 de junho de 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A folia de Reis de Mossamedes*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

CASTRO, Zaíde Maciel de. COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Funarte, 1961.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. *Cultura popular: saberes e práticas de intelectuais, imprensa e devotos de Santos Reis – 1945-2002*. 2005. 180f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

HORTA, Ana Paula Santos. *Os Reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias*. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LOPES, André Camargo. *Adeus às violas: As Companhias de Reis da região dos Cinco Conjuntos no município de Londrina/PR – estudos históricos acerca do catolicismo tradicional popular brasileiro e a formação dos mestres-rituais a partir da mobilidade social da região*. 2009. 391f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: Caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)*. 1998. 291f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MENDES, Luciana Aparecida de Souza. *As Folias de Reis em Três Lagoas: a circularidade cultural na religiosidade popular*. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

NOVAIS, F.A.; SILVA, R.F. da. *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OUROFINO, João Venâncio Machado de. *São Braz de Minas: A migração, as transformações locais e o imaginário religioso*. 2009. 169f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PINTO, Jorge Luiz Dias. *Os espaços da Folia de Reis em Maringá – PR: O grupo Unidos com Fé*. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

TREMURA, Welton Alves. *With an open heart: Folia de Reis, A Brazilian Spiritual Journey Through Song*. 2004. 322f. Tese (Doutorado em Música) - The Florida State University. 2004.